

APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03 NO PIBID HISTÓRIA UFAC: MÁSCARAS, ARTES E RITUAIS RELIGIOSOS.

Applicability of law 10.639/03 in PIBID history UFAC: masks, arts and religious rituals.

Jardel Silva França¹; Sandy Maria Gomes de Andrade².

RESUMO: Apoiado na lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, este trabalho compartilha a experiência vivida durante o ano de 2016, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, cujo objetivo era a atividade de “Ensino com Pesquisa”, propondo a cada bolsista do PIBID elaboração de uma aula a partir de linhas de pesquisas indicadas no edital do referido projeto. Neste sentido, coube aos bolsistas procurar integrar os alunos da educação básica nas aulas, a fim de que os alunos participassem como sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem. Desenvolveu-se as aulas na Escola Estadual Raimundo Gomes, havendo como temática as máscaras africanas dos povos Dan/Dã, Punu e Chokwe, tendo como finalidade, a compreensão da simbologia das máscaras nas vertentes da arte, cultura e religiosidade. A metodologia empregada nos encontros foram leituras e apreciações dos textos sobre a temática, produções textuais, análises de imagens e mapa político da África para situar os alunos das tribos em comento. Usamos como aporte teórico Mariza Peirano (2003), Simone Martins; Margaret Imbroisi (2016), Maristani Zamperetti (2010). Ao final do trabalho, as alunas receberam um caderno contendo seus trabalhos e reflexões realizadas durante o projeto e as máscaras por elas produzidas foram apresentadas no V Seminário PIBID história UFAC.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/03; Máscaras africanas; PIBID.

ABSTRACT: Based on law 10.639/2003, which establishes the mandatory teaching of Afro-Brazilian and African history and culture in basic education, this paper shares the experience lived during 2016, in the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID) of the Degree course in History of the Federal University of Acre. Whose objective was the activity of “Teaching with Research”, proposing to each PIBID fellow the preparation of a class from lines of research indicated in the notice of that Project. In this sense, it was up to the scholarship holders to seek to integrate basic

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Pós-graduando em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade de Educação Acriana Euclides da Cunha (INEC). Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFAC. Email: jardelfranca2509@gmail.com

² Licenciada em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: sandy.ufac@gmail.com

education students in classes, so that students of the sixth and seventh years could participate as active subjects of the teaching and learning process. Classes were developed at Raimundo Gomes State School, with the theme of african masks of the Dan/Dan, Punu and Chokwe tribes, with the purpose of, the understanding of the symbology of masks in the aspects of art, culture and religiosity. The methodology used in the meetings were readings and appreciations of the texts on the theme, textual productions, image analysis and political map of the Africa to place the students of the tribes in comment. We use as theoretical contribution Mariza Pairano (2003); Simone Martins and Margaret Imbroisi (2016); Maristani Zamperetti (2010). At the end of the work, the students received a notebook containing their work and reflection carried out during the project and the masks produced by them.

KEYWORDS: Law 10.639/03; African masks; PIBID.

INTRODUÇÃO.

O presente artigo vem relatar uma experiência de ensino/aprendizagem denominada “Ensino com pesquisa”, realizada na Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira, situada na capital acreana, que funciona com Ensino Fundamental e Médio, nos turnos matutino e vespertino, a partir do projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que tem como princípio fundamental contribuir para a melhoria da qualidade inicial de professores. Além disso, visa proporcionar aos alunos de licenciatura em História da Universidade Federal do Acre e professores de História das escolas do Ensino Fundamental e Médio de Rio Branco, inovar suas metodologias e práticas docentes, contribuindo para que o conhecimento histórico ganhe novos significados e contribuindo no processo de transformação da sociedade. O projeto é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores a nível nacional que busca a capacitação e a valorização da formação de professores para a educação básica.

No edital do programa estava disposto quatro linhas de atuação de pesquisa, sendo elas:

1. História da África e Cultura afro-brasileira/acreana :

Esta ação pretende proporcionar ao futuro professor de história, um contato mais efetivo e reflexivo com as temáticas valorativas da história do continente africano e da cultura afro-brasileira/acreana, com destaque para: diversidade étnica, cultural e social; processo de colonização e descolonização; movimentos revolucionários de libertação nacional; formação das nações e seus dilemas; desafios e possibilidades atuais; e a

trajetória do negro no Brasil, suas contribuições na formação da sociedade nacional/acreana, nos campos social, econômico, político e cultural.

2. Culturas/identidades na fronteira trinacional (Amazônia Sul-Occidental): Acre/Brasil, Pando/Bolívia e Madre de Dios/Perú

O espaço internacional correspondente a esta região é historicamente desconhecido. A expressão *tierras non descubiertas*, grafada no século XIX, anunciava a ignorância sobre seu multiculturalismo, que rompe com as fronteiras entre nações, desarticulando os limites espaciais, étnicos e místicos, misturando as culturas, as formas de poder, as práticas econômicas e sociais. O processo migratório é contínuo, intenso e tenso. Acreditamos que o professor de história tem o dever de trazer para o espaço escolar este debate. É o que pretendemos proporcionar aos nossos bolsistas.

3. Populações amazônicas/acreas “tradicionais”: índios, seringueiros e ribeirinhos

Pretende-se nesta ação trazer para as reflexões na formação do professor de história e na sala de aula do ensino fundamental e médio, questões relacionadas a vivências, experiências, representações, misticismos/religiosidades, formas de organização do trabalho e de lutas sociais destas populações que ocuparam e ocupam esta região da Amazônia brasileira e acreana, buscando compreender as continuidades e rupturas de suas culturas, de suas práticas religiosas, econômicas, política e sociais.

4. Geopolítica e ocupação do espaço acreano: poder, representações, lutas sociais e meio ambiente

Esta ação visa inserir os alunos em discussões e temáticas relacionadas ao ensino de história do Acre e da Amazônia, voltadas para abordagens acerca de como foi ocupada a região e com que motivações e encontros isso ocorreu. Evidenciar os fatores políticos e as estruturas de poder legal que passaram a conviver com formas tradicionais de mando e hierarquias do poder privado já existente. Dialogar com os aspectos econômicos atravessados pela exploração da natureza, até questões contemporâneas do mundo do trabalho e afazeres diversos estabelecidos na sociedade local.

A linha de pesquisa com a qual optamos trabalhar foi a linha número **1: História da África e cultura afro-brasileira/acreana**, na qual, em nossa maneira de pensar, proporciona a nós, futuros professores de história, um contato mais efetivo e reflexivo com as temáticas valorativas da história do continente africano e da cultura afro-brasileira/acreana, com destaque para: diversidade étnica, cultural e social, processo de colonização e descolonização; movimentos revolucionário de libertação nacional, formação das nações e de seus dilemas, desafios e possibilidades atuais; e a trajetória do negro no Brasil, suas contribuições na formação da sociedade nacional/acreana, nos campos social, econômico, político e cultural. A partir desta linha de pesquisa, optamos trabalhar História da África, com destaque para diversidade étnica, cultural, e religiosa, acerca dos rituais de máscaras africanas, levando em conta que estas são manifestações de arte, por suas belezas e formas, e dentro das sociedades que foram estudadas

(Dan/Dã, Punu, Chokwe), a cultura e o modo de vida refletem nas máscaras, tais quais os rituais que as precedem, como por exemplo: nascimentos, funerais, rituais de passagem, entre outros.

JUSTIFICATIVA/OBJETIVOS.

A Lei 10.639/03 modifica a Lei de Diretrizes e Bases – LDB de 1996, no que se refere a temática étnico-racial, ao tornar obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino. Fruto do Movimento Negro que busca uma educação plural e de respeito a história e cultura negra. Essa lei veio para corrigir lacunas deixadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que não incluía a História e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003).

A lei em comento vigora acerca da importância e obrigatoriedade da implementação da História da África, tal como sua cultura, entretanto, são escassos os trabalhos nas escolas levando em conta a riqueza que permeia as máscaras africanas, seus valores e características associados à história do continente, assim, esse trabalho teve o intuito de levar para os alunos os conceitos de arte, cultura e religiosidade, para que eles pudessem identificá-los nas máscaras.

Visava-se que os alunos pudessem destacar a importância de estudos relacionados a cultura e arte afrodescendente, bem como observar as influências africanas na sociedade brasileira. Tendo como respaldo a lei supracitada, vê-se a importância em se estudar e analisar conteúdos relacionados a História da África, inserindo no âmbito escolar representações de matrizes africanas e afrodescendentes,

apoiando as conquistas dos movimentos negros e trazendo ainda mais resultados para a população brasileira e para a educação como um todo. Objetivando uma construção de práticas na educação a fim de promover a igualdade racial, proporcionando por meio de leituras e outras atividades uma reflexão à luz das práticas pedagógicas em sala de aula, no qual os alunos participantes sejam instigados a promover práticas promotoras de igualdade racial entre seus colegas.

Observando a falta de estudos relacionados a cultura e a arte africana e afrodescendente, em que pouco se vê trabalhos em que se explanem discussões de valorização sobre esse tema, tornando a própria riqueza cultural brasileira escassa e desconhecida, considerando a grande influência da cultura africana em nossa sociedade, o tema escolhido torna-se um dos pressupostos de inserção dos alunos na obrigatoriedade de estudos de temáticas sobre o racismo, quebrando com antigas reflexões negativas acerca das relações ético-raciais na escolas.

Tínhamos como intuito que os alunos conhecessem as sociedades, suas localizações, e uma síntese de suas tradições para que os discentes pudessem compreender de que forma o modo de vida dessas tribos transcendem nas suas máscaras, assim foi exposto para os alunos que existe cultura e arte na África, buscando desconstruir os conceitos que eles carregavam de que “só existem negros”, além de salientar a História da África não é inferior ou inexistente. Marta Heloisa Leuba Salum (2005), destaca:

[...] a história dos povos africanos é a mesma de toda humanidade: a da sobrevivência material, mas também espiritual, intelectual e artística, o que ficou à margem da compreensão nas bases do pensamento ocidental, como se a reflexão entre Homem e Cultura fosse seu atributo exclusivo, e como se Natureza e Cultura fossem fatores antagônicos (SALUM,2005, p.01).

Teve-se diante também da distorção acerca da beleza das máscaras, que está relacionada à visão eurocêntrica de beleza que é supervalorizada, em geral por seu valor de capital, como ressalta a autora:

[...] a degeneração da imagem das sociedades africanas, de suas ciências, e de seus produtos é resultado do projeto do Capitalismo, que difundiu a ideia de que o continente africano é tórrido e cheio de tribos perdidas na História e na Civilização. É resultado também do etnocentrismo das ciências europeias do século XIX. É necessário, pois, ver de que História e de que Civilização se trata (SALUM,2005, p.01).

Assim foi passado às alunas que a beleza das máscaras está além de suas formas plásticas, ela reside essencialmente em seus significados, onde por meio delas “o corpo do homem transcende a sua própria corporeidade, sendo testemunha de sua existência e prova viva deste existir” (ZAMPERETTI, 2010). A máscara africana é um importante elemento de identidade cultural de cada etnia, demonstrando a vastidão que compõe o arcabouço cultural africano. O utilizar da máscara leva a pessoa a assumir a entidade representada por ela, sendo as mesmas representações de espíritos e/ou elementos morais. Nas palavras de Domingues:

A máscara africana procura captar a essência do espírito, e não os seus traços físicos reais; por isso, ela faz uso de distorções e abstrações. As máscaras africanas do povo Bwa, de Burkina Faso, por exemplo, representam espíritos invisíveis da floresta e por isso, têm formas abstratas, puramente geométricas. [...] Muitas culturas africanas imprimem em suas máscaras elementos morais. As máscaras africanas dos Senefu, povo da Costa do Marfim, por exemplo, têm os olhos meio fechados, simbolizando uma atitude pacífica, autocontrole e paciência. (DOMINGUES, 2017, p.01)

As máscaras em muitas etnias africanas desempenham uma função sagrada, onde através dela as pessoas se comunicavam com seus deuses e entes falecidos para pedir sabedoria, bons tempos de colheitas e fins de guerras. Segundo Rezende:

as máscaras esculpidas não são feitas para serem contempladas como obras de arte, mas para serem usadas durante as cerimônias ritualistas, sociais ou religiosas. Isto é, a figura que está esculpida na máscara, representa um personagem, um ser que é ao mesmo tempo uma divindade e uma força da sociedade humana. Portanto, quando uma pessoa usa a máscara ela é investida com os atributos dessa força divina e social. (REZENDE; SILVA, 2013, p. 09)

Objetivando proporcionar aos alunos conhecimentos sobre cultura e arte existente na África por meio das máscaras, que os africanos expressam em sua totalidade de significados socioculturais que precisam ser compreendidos, para que assim, fosse possível ruir com o todo ou abrir caminhos para superar a carga de preconceito e racismo que os discentes carregam. A afirmação de Aparecida Coqueiro foi um dos eixos principais que sustentou esse intuito:

[...] Conhecer para entender, respeitar e valorizar, reconhecendo as contribuições das várias matrizes culturais presentes na cultura brasileira,

esse deve ser um dos objetivos das propostas educacionais do Brasil contemporâneo. Educar para as relações étnico-raciais implica primordialmente refletir sobre a maneira peculiar do povo brasileiro, lidar com as questões que se referem à diversidade racial e cultural do país para nela intervir (COQUEIRO, 2009, p.02).

A África é o terceiro maior continente do mundo, e é reconhecida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, por sua riqueza cultural, no entanto os preconceitos que envolvem a si e sua população é um problema que tem como uma das soluções possíveis conhecer parte dessa vastidão cultural e artística para alcançar respeito para com suas manifestações. A exemplo dessa problemática, um questionário foi dado aos alunos para levantamento conhecimentos prévios revelou os conceitos distorcidos que as crianças do Ensino Fundamental carregam desse continente, havendo respostas como “não usam internet”, “a comida é muito pouca”, “deve ter muitas cabanas”, “é muito sofrido”, salientando o que afirma Freitas (2002) “o negro nos é familiar, mas de uma forma muito distorcida e cheia de preconceitos”. Deve-se ainda ressaltar que nesse mesmo questionário os alunos traziam a vontade de conhecer esse país, com falas, como: “devemos saber mais sobre o continente africano”.

Atualmente esses povos se configuram em comunidades isoladas das grandes cidades, onde seus integrantes lutam pela manutenção das tradições culturais e religiosas. Geralmente estão distribuídas ao longo de rios ou lagos, já que sobrevivem da agricultura de subsistência e/ou caça. Durante os processos de conflitos políticos, e invasões a vilas onde moravam famílias africanas, essas começam a se mobilizarem para manter suas configurações de vida, assim muitas dessas famílias acabaram formando grupos independentes no interior de países na África.

Atualmente, muitas comunidades africanas preservam seus rituais tradicionais, e em várias cerimônias as máscaras são indispensáveis, onde cada uma carrega a significação do ritual que a precede, muitos são acompanhados de músicas e danças específicas. Esses rituais são: batizados e/ou nascimentos, ritos de passagem, casamentos, funerais, agradecimento e/ou pedidos para boas colheitas, festivais anuais, entre outros.

Portanto, tendo a importância da máscara para a sociedade africana, acreditamos poder trabalhar em cima desse tema a fim de que compreendermos as várias complexidades sociais e religiosas que as máscaras desempenham dentro das sociedades africanas.

O TRABALHO REALIZADO NA ESCOLA.

No decorrer do desenvolvimento das atividades realizadas nos encontros, pretendia-se que os alunos participantes e colaboradores do projeto pudessem realizar uma construção de conhecimentos relacionados ao tema exposto, possibilitando uma reflexão crítica sobre seus conceitos muito antes estabelecidos, e que pudesse se dar caminhos para a construção de novas visões e modos de pensar. Além disso, visava-se um aprendizado prático no tocante à profissão docente por parte da bolsista, aliando suas experiências na vida acadêmica com a realidade prática das instituições escolares em que se desenvolve o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Assim, o uso de alguns recursos didáticos se faz necessário para atender às necessidades de conhecimentos dos alunos, bem como o planejamento da sequência didática estabelecida, como o uso de textos específicos, imagens retratando o tema abordado, dentre outros.

Na primeira, apenas uma aluna compareceu. Após, nos apresentamos. Houve a exposição sobre o PIBID e sobre a linha de pesquisa com a qual iríamos trabalhar que se trata dos rituais de máscara africanas sobre a vertente de arte, cultura e religiosidade, nas Tribos de Dan/Dã (Libéria), Punu (Gabão) e etnia Chokwe (Angola, máscara Cikuza), em seguida foi solicitado que a aluna respondesse um questionário a fim de permear os conhecimentos que ela já possuía a respeito da África, seus habitantes, o meio ambiente, de que maneira as máscaras eram imaginadas, quais suas utilidades e qual a importância de estudar esse tema; a partir das respostas abriu-se um debate com intuito de ampliar o olhar dela sobre o continente africano, nesse momento foram trabalhados alguns conceitos como: escravidão, representação negra nas novelas e filmes, entre outros aspectos. Para reforçar esse momento solicitei para que a estudante escolhesse três países no mapa, aleatoriamente, que foram: Nigéria, Gabão e Moçambique; assim realizei com ela uma rápida pesquisa mostrando imagens desses locais, o que para a referida aluna aproximou-se de uma grande descoberta, já que ela tinha conceitos como; “casas de palha”, “pessoas despidas”, entre outros.

Posteriormente, com o auxílio de um texto resultado de uma síntese de pesquisas, foi realizada uma leitura compartilhada, onde detectou-se a enorme dificuldade de leitura por parte da aluna, o texto trabalhado nessa aula, abordou os povos Dan/Dã e Punu, terminada a leitura, houve um diálogo para melhor compreensão,

logo depois, uma dinâmica onde foram ressaltadas as principais características e significados das máscaras das Tribos estudadas, por fim ela coloriu desenhos fazendo um releitura das máscaras originais, onde foi possível explorar o olhar de sensibilidade e subjetividade.

No segundo encontro, a aluna Diamante³, esteve presente, parte da primeira aula foi retomada: levantamento de conhecimentos prévios, debate e explicação sobre as sociedades Dan/Dã e Punu, em seguida a introdução do conteúdo da etnia Chokwe por meio de uma leitura e dialogo, seguiu-se com a máscara dessa tribo, primeiro levantamos as características, significados e utilidades, e depois uma dinâmica com as três máscaras sobre a mesa, as alunas conseguiram levantar as diferenças e aplicar apontar peculiaridades das máscaras associadas as tribos de origem. Assim cada aluna escolheu uma máscara, para que na aula seguinte fosse elaborada uma produção textual. A aluna Samara criou frases, salientando o que ela absorveu tanto sobre as máscaras, como sobre cultura e arte. As duas discentes levaram desenhos para colorir e uma pesquisa, para que elas pudessem ampliar o que foi visto em sala.

Na terceira aula, Topázio (aluna que se fez presente nesta aula), fez a produção textual sobre a máscara da qual ela escolheu (Dan/ Dã), nessa atividade ela colocou a localidade, características, e utilidade da máscara, a discente entregou a pesquisa pedida anteriormente, desenhos coloridos em casa e transcreveu as frases para cartolina. Uma das alunas faltou, e Esmeralda compareceu pela primeira vez e foram repassados para ela os exercícios e conteúdo das aulas passadas, bem como dialogo, dinâmica, elaboração das frases, e produção textual.

Figura 1: laboração de textos e frases.



Fonte: o autor

³ Denominamos as alunas da escola, participantes do projeto, com nomes de pedras preciosas para manter o anonimato.

Na aula subsequente as três alunas estavam presentes. Houve um breve resumo das aulas anteriores, depois passamos para a confecção das máscaras com jornais (Figura 2). Nessa aula foi notável a aproximação das três, foi uma ocasião de descontração, onde elas observaram cada feição das máscaras. Ao fim da aula, cada aluna levou a máscara e foi disponibilizada tintas e pinceis, onde as orientei a dividirem os materiais.

Figura 2: Confeção das máscaras.



Fonte: o autor

No penúltimo encontro, apenas Diamante levou a máscara finalizada, as outras alunas afirmaram que não conseguiram colorir em casa. Assim, Diamante realizou a pesquisa da qual ainda não tinha entregue, enquanto as outras duas alunas pintavam as máscaras. Esses exercícios foram realizados num ambiente exterior à sala de aula, houve uma dificuldade em especial nesse dia, as três estavam um tanto dispersas, porém consegue-se ultrapassar problema, e elas alcançaram a finalização das atividades, elas ainda montaram o varal com seus os desenhos e frases. Por fim, utilizando-se das máscaras produzidas, e da elaboração dos textos, foi gravado um vídeo (Figura 3), apesar da timidez da Topázio, ela conseguiu expressa-se bem, houve um grande avanço tendo em vista que ela era totalmente retraída nas aulas, ao passo da interatividade das outras alunas, o vídeo expôs o progresso que elas tiveram.

Figura 3: Gravação do vídeo.



Fonte: coautora.

No último encontro, houve um diálogo, fechando os conceitos de arte, cultura, religiosidade, e de que forma estudamos estes durante todo o processo de aprendizagem, continuamente as alunas responderam um questionário com intuito de sondar os conhecimentos adquiridos, bem como a presença de mudança de posturas e reflexões. Assim, foi notável o progresso que as discentes obtiveram, com respostas como “na África não existe só negros, existe festas e arte”, “nem tudo que dizem sobre a África é verdade”, além de falarem dos significados e características das máscaras. Assim, foi explícito que os objetivos foram alcançados. Por fim as alunas receberam um caderno contendo todas as atividades e reflexões, para que elas levassem de forma física somada as suas evoluções uma semente do projeto. As máscaras confeccionadas pelas discentes foram expostas como Atividades práticas na escola: vivências e experiências através do PIBID História UFAC valorizando minha história, durante as atividades do V Seminário PIBID História UFAC: direitos, humanidades e história, realizado pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH, onde também foram apresentados outros resultados de intervenções pedagógicas realizadas na escola por meu do projeto PIBID.

REFERENCIAL TEÓRICO/INTERDISCIPLINARIDADE.

O tema desenvolvido na escola Raimundo Gomes de Oliveira, trabalhou duas disciplinas em conjunto, o que de acordo com Coimbra (2000) entende-se por interdisciplinaridade:

O interdisciplinar consiste num tema, objetivo ou abordagem em que duas ou mais disciplinas intencionalmente estabelecem nexos e vínculos entre si para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado (COIMBRA, 2000, p.58).

De acordo com Circe Maria Bittencourt (2011) trabalhar com interdisciplinaridade não é fácil, no entanto para trabalhar com essa perspectiva faz-se necessário romper com o currículo baseado em disciplina, trabalhando com temas transversais, logo é de suma importância que o professor tenha domínio da sua área de conhecimento, para que possa dialogar da melhor maneira possível com outras disciplinas.

Transversalidade de conteúdos busca aprofundar tanto os conteúdos, como metodologias e os resultados a serem alcançados. Neste trabalho a interdisciplinaridade encontra-se entre: Geografia e História, e principalmente Arte e História. No que se refere a disciplina de Geografia, os alunos tiveram contato com o mapa político da África, fazendo a localização da Tribos, bem como algumas características dos respectivos países. Durante a utilização das imagens as crianças puderam identificar as características das máscaras com mais êxito e ao colorir os desenhos puderam se expressar além de dar ênfase a cada detalhe do desenho, buscando seus sentidos, assim como na produção e pintura das máscaras onde elas dialogaram entre si, trocaram informações; como afirma Valesca Giordano Litz “a utilização de linguagens diferenciadas pode levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, que tenha significado”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES.

Durante as primeiras aulas, percebeu-se que as alunas possuíam enorme dificuldade de se expressarem, elas estavam bastante contidas, o que reflete na existência de algum tipo de opressão dentro e/ou fora da sala, o que implicou no desenvolvimento das primeiras atividades, já que elas apenas queriam ouvir, somado a isto todas as alunas do 7º ano não possuíam uma leitura de qualidade, assim teve-se a necessidade de buscar intensificar a participação delas tanto na leitura dos textos como nas dinâmicas e debates, outro fator relevante é que não existiam diálogos nem mesmo entre elas apesar de duas estudarem na mesma turma, havia um grande distanciamento.

Deparou-se ainda com os conceitos distorcidos e preconceito acerca do continente africano e seus habitantes.

Os objetivos foram bem sucedidos, pode-se acrescentar que superou os resultados esperados, de maneira satisfatória, houve uma mudança de postura por parte das alunas, bem como o apontamento de um possível caminho para que elas pudessem refletir acerca de suas dificuldades em sala de aula, bem como nas relações interpessoais, além da superação como um todo ou em parte de alguns seus preconceitos por meio dos conhecimentos adquiridos. Demonstrando a veracidade do que afirmou Aparecida Coqueiro “um dos caminhos apontados para a promoção do respeito à diversidade étnico-racial [...] é o reconhecimento e a valorização das culturas africanas [...]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Diante dos fatos já mencionados, pode-se então concluir que as atividades desenvolvidas no decorrer dos encontros possibilitaram aos alunos participantes do programa uma aquisição significativa de novos conhecimentos acerca de uma cultura diferente daquela a que estão acostumados a lidar cotidianamente. Foi perceptível uma mudança atitudinal, de posturas tomadas por parte dos alunos, em que puderam perceber que, independentemente de religião, de cor da pele, ou de classe social, o respeito pela cultura africana e afro brasileira é antes de mais nada, uma ação humana. Portanto é indispensável à elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, a valorização e o reconhecimento das diferenças, possibilitando que os alunos, e ainda a bolsista, possam conscientizar-se e refletirem sobre suas práticas.

Para poder reverter esse quadro de desigualdades e preconceito e promover um modelo de desenvolvimento no qual a diversidade seja um dos seus alicerces, no qual prevaleça à cultura da inclusão e da igualdade, faz-se necessário entender que a desigualdade racial no Brasil resulta da combinação de diversos fenômenos complexos, tais como o racismo, o preconceito, a discriminação racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. **África em Artes**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações sobre a interdisciplinaridade. In: **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus, 2000.

COQUEIRO, Edna Aparecida. **Educação Das Relações Étnico-Raciais: Desnaturalizando o racismo na escola e para além dela**, Curitiba, 2009. Disponível em < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-8.pdf> > . Acesso em: 22/03/2020.

DOMINGUES, Joelza Ester. **Máscaras africanas: beleza, magia e importância**. (para recortar e colorir). Blog: Ensinar História, 18 de abril de 2017. Disponível em < <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/mascaras-africanas-recortar-colorir/>> Acesso em 26/06/2020.

FREITAS, Fidêncio Maciel de. **Mãe África**. Belo Horizonte: Memória Gráfica, 2002.

GORZONI, Priscila. **As máscaras africanas**. Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/mascaras-africanas/#gs.8cegon0> > . Acesso em: 22/03/2020.

LITZ, Valesca Giordano. **O Uso Da Imagem No Ensino De História** – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2009.

MARTINS, Simone R; IMBROISI, Margaret H. . **Máscaras africanas**. Disponível em: < <http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/mascaras-africanas/> > . Acesso em: 22/03/2020.

Mascaras Dan – Libéria e Costa do Marfim. **Afro&Africa**. Disponível em: < <http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2011/10/mascaras-dan.html> > . Acesso em: 22/03/2020.

NOGUEIRA, João Carlos. **Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial e Popular** – Série Pensando o Negro em Educação. Editora Atilénde (Núcleo de Estudos Negros). Florianópolis, 2002

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

REZENDE, Evandro Ricardo; SILVA, Riocardo Tadeu Caires. Sentido social das máscaras africanas tradicionais e o seu uso como objeto pedagógico em sala de aula. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional, Curitiba, 2013.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. **África: cultura e sociedade**. 2005. Disponível em: < http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedad.es.html > Acesso em 23/03/2020.

SILVA, Djenane Vieira dos Santos. **História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica: Atividades artísticas práticas** – Universidade Federal da Bahia.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **As máscaras nas Artes Visuais: produzindo o saber de si em práticas pedagógicas** – Educação Unisinos p. 205-214, setembro/dezembro 2010.